



ONDE ESTÁ MINHA MÃE, GOOGLE?

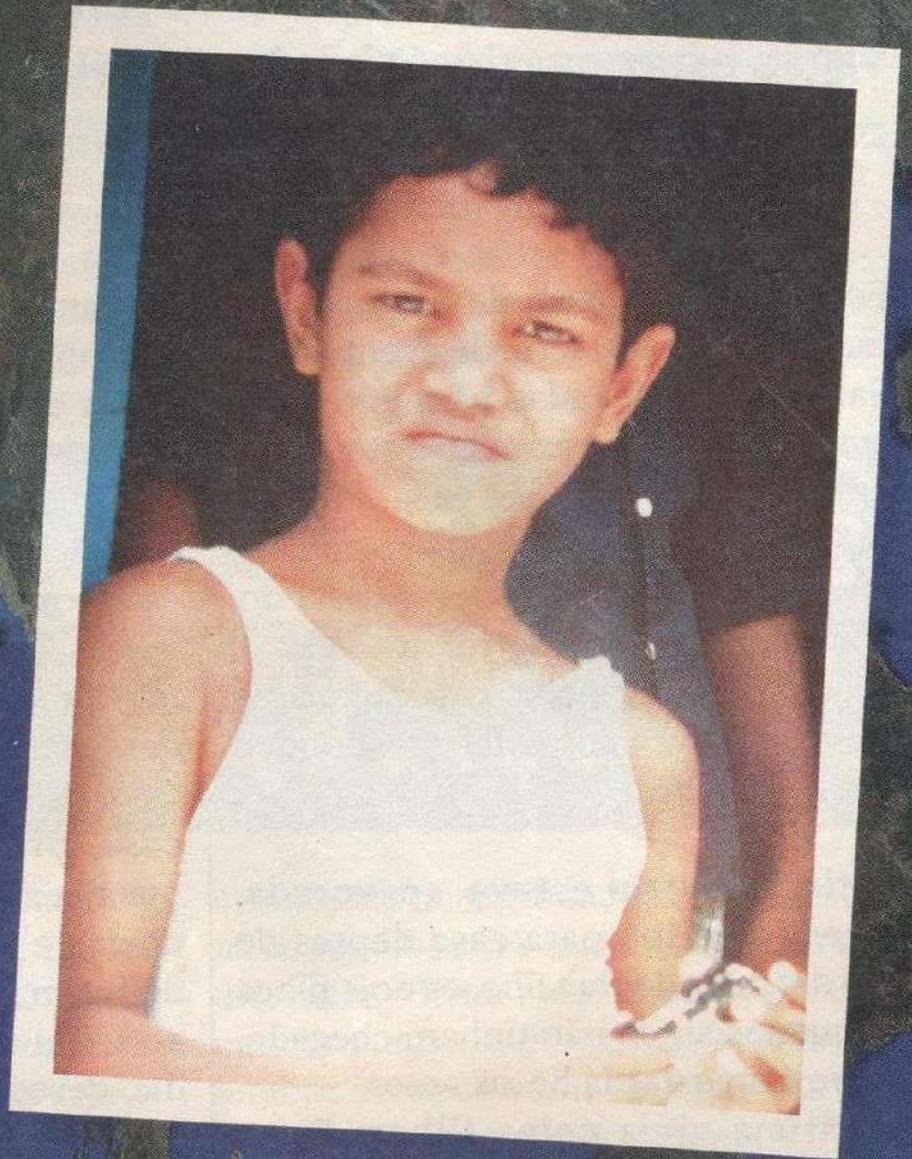
Durante 25 anos Saroo Brierley não sabia de onde veio. Até que começou a procurar no Google pistas que o levariam de volta para casa.

POR KRISTEN GELINEAU E RAVI NESSMAN

DA ASSOCIATED PRESS

500 km
200 mi

REPORTAGEM ESPECIAL



Ao fundo: mapa da Índia visto por um satélite.
Acima: foto de Saroo Brierley tirada assim que chegou à Austrália.

O menino de 6 anos acordou ainda encolhido no banco duro de madeira onde cochilara. O chocalhar do trem era alto e constante, como sempre era quando ele voltava para casa com Guddu, o irmão mais velho. Mas Guddu não estava lá. E a paisagem que passava não se parecia com a de casa. O coração de Saroo começou a bater com força. O vagão estava vazio. O irmão deveria estar lá, procurando moedinhas debaixo dos bancos. *Onde ele estava?*

Essa fatídica viagem de trem pôs em movimento uma série de eventos que Saroo levou décadas para entender, eventos que o arrancariam da sua família e do seu país. Mas naquele momento ele só sabia que nada estava como devia ser. Louco de medo, correu pelo compartimento vazio, gritando pelo irmão e pela mãe. Só o trovão do trem nos trilhos respondeu aos seus gritos.

Fatima Munshi estava apavorada. Quando voltou para casa depois de um dia duro de trabalho, os dois filhos pequenos ainda não tinham chegado. Deveriam estar lá horas antes.

Fatima vivia pelos filhos. Eram quase tudo que tinha. Filha de camponeses hinduístas, órfã aos 10 anos, não tinha família que lhe oferecesse apoio ou proteção. Mas tinha coragem. Quando adolescente, trabalhava numa obra carregando cimento numa bacia equilibrada na cabeça e chamou a atenção de um supervisor. Num

romance vertiginoso, raro na tradicionalíssima Índia, eles se casaram.

Ela se converteu ao islamismo. O casal se mudou para Khandwa e teve três filhos. Quando crescessem, ela sonhava, morariam nas grandes casas próximas e cada um lhe daria dez rupias (35 centavos) por dia para que não precisasse trabalhar fora e pudesse cuidar dos netos.

Então o marido não voltou para casa, primeiro uma noite, depois por mais tempo. Deixou de levar dinheiro e comida. Finalmente, apesar de Fatima estar grávida outra vez, ele arranhou uma segunda esposa. Certo dia, desesperada, Fatima o enfrentou e bateu nele com o sapato. O marido a surrou com uma vara. Diante dos anciãos da aldeia, divorciaram-se na mesma hora.

Fatima se tornou uma mulher abandonada com quatro filhos pequenos. Voltou a trabalhar. Guddu, com cerca de 8 anos, e Saroo, dois anos mais novo, começaram a mendigar comida

e trocados. Muitas vezes, ela os punha para dormir dando apenas água. “Mãe, queremos comida”, pediam. “Não tem”, ela respondia, envergonhada. *Não tenho nada, pensava naquelas noites sofridas, mas pelo menos tenho meus filhos.*

Saroo se esforçou para pensar. Recordou que ele e Guddu tinham tomado o trem na estação local para caçar trocados. Quando chegaram à estação seguinte, Saroo, cansado, se deitou no banco da plataforma. Guddu prometeu voltar num minuto e se afastou. Quando abriu os olhos, Saroo viu um trem à espera. *Guddu deve estar ali,* pensou, ainda tonto de sono. Então embarcou e dormiu de novo, achando que o irmão o acordaria quando se aproximassem de casa.

Mas o trem começava a parar, não havia Guddu e ali não era Khandwa. Saroo saiu

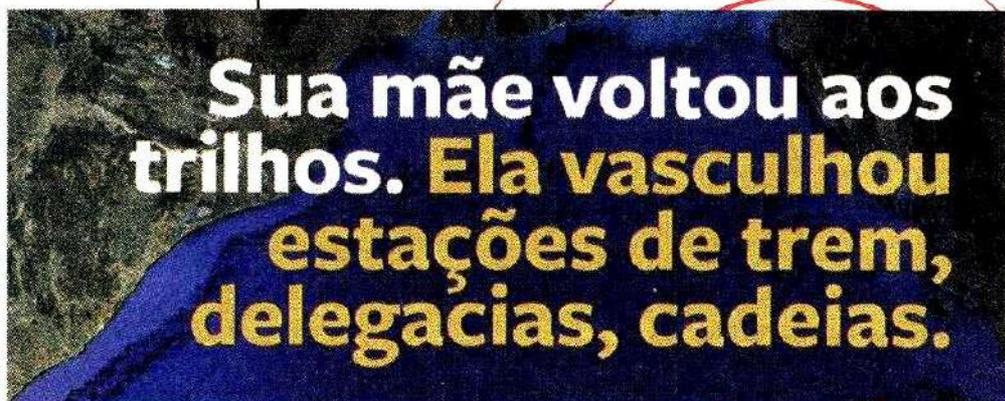
no caos. Hordas de gente correndo e empurrando. Falavam uma língua desconhecida. Ele estava em Calcutá, a quase 1.500 quilômetros de casa.

O menino pediu ajuda. Mas falava hindi, e a maioria ali falava bengali. Ele não sabia o próprio sobrenome nem o nome da cidade de onde vinha, só o do bairro. Ninguém o compreendia. Nervoso, embarcou em outro trem, na esperança de que o levasse para casa. O trem deu uma volta e retornou a Calcutá. Ele pulou em vários outros trens. Todos retornavam

àquele lugar estranho e assustador. Saroo passou dias fazendo isso, e pedindo comida aos outros passageiros. Finalmente, aventurou-se nas ruas.

Quando a noite caiu, Fatima entrou em pânico. Ela e uma vizinha foram à estação procurar os meninos. Vasculharam a feira onde os dois costumavam pedir esmolas. Foram ao chafariz onde gostavam de brincar. Não havia sinal deles.

Ela nunca entrara num trem, mas, no dia seguinte, junto com a vizinha, foi a outras cidades perguntar à polícia se tinha visto seus filhos. Ela ampliou a busca. Chorou e rezou



numa cripta sagrada. Procurou um místico. “Não há mais duas flores”, disse ele. “Uma caiu, a outra partiu para um lugar muito distante. Não se lembra de onde vem. Voltará, mas só depois de muito, muito tempo.”

Ela não acreditou. Os meninos tinham de estar bem. Então, encontrou um policial conhecido. Guddu estava morto, disse ele, caíra do trem ou fora empurrado. A polícia fotografara o corpo mutilado mas identificável junto aos trilhos e depois o cremara. Fatima desmaiou.

Saroo foi parar num centro para crianças abandonadas. Os meninos mais velhos implicavam com ele. Ninguém falava sua língua. Ele tentou explicar quem era, mas não adiantou.

Semanas depois, foi levado para a Sociedade Indiana de Patronato e Adoção. Recebeu uma cama confortável, roupas novas, bastante comida. A equipe procurou sua família com base no pouco que Saroo se lembrava. Não foi suficiente.

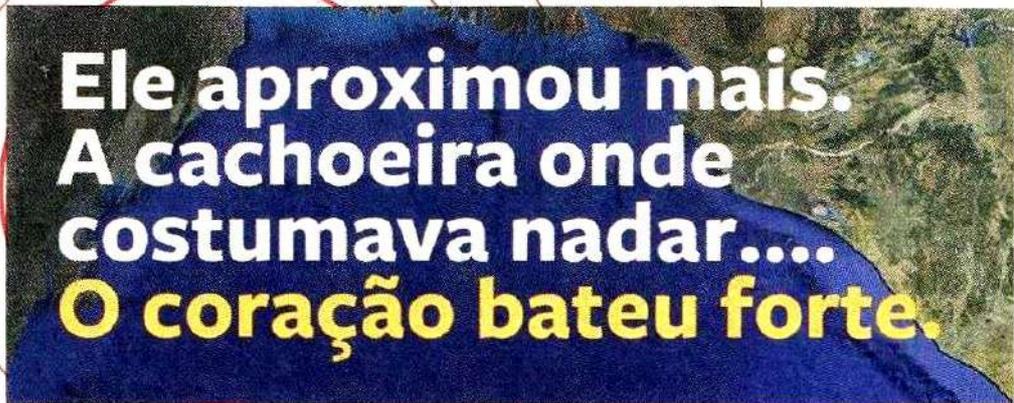
Meses se passaram e agora uma família o queria. Uma família que morava num lugar chamado Austrália.

foram pacientes e bondosos. Seu novo lar era um palácio: quatro quartos e um grande quintal. Seu novo sobrenome era Brierley.

Saroo foi para a escola, aprendeu inglês, fez amigos. Mas, nas noites agitadas, pensava na mãe e no irmão. Costumava rezar: *Se houver algo mágico no mundo, poderia me ajudar a achar minha família?*

Após três meses viajando em trens diferentes, Fatima estava exausta. Deixou a busca física, mas toda quinta-feira andava durante uma hora

até um túmulo sagrado para oferecer incenso e rosas em oração pelo retorno de Saroo. Os dois filhos que lhe restavam, Kallu e Shakila, viam-na chorar.



**Ele aproximou mais.
A cachoeira onde costumava nadar....
O coração bateu forte.**

Enquanto isso, Fatima se perguntava onde estaria seu filhinho alegre que a acompanhava aos locais de trabalho e construía estradas de pedra? Cuidara dele por oito dias quando levava um coice no rosto. Não desistiria agora.

Ela voltou aos trilhos. Vasculhou estações de trem de Bhopal e Secunderabad, delegacias em Hiderabad, cadeias de Bombaim. Não foi a Calcutá. Não podia imaginar que ele tivesse ido tão longe.

Saroo desembarcou na Tasmânia com as fotografias dos pais e da casa que a agência de adoção lhe dera. Estava tímido e nervoso. Os novos pais

Saroo cresceu. Foi para a universidade estudar Administração e Hotelaria. Anos se haviam passado desde aquela horrível viagem de trem, mas ele não parava de procurar respostas. Só tinha lembranças vivas da cidade – a cachoeira em que brincava, o chafariz perto do cinema. As ruelas que cercavam sua casa.

Sua casa... Ele usara recentemente as imagens de satélite do Google para ver do alto a casa australiana. Haveria imagens semelhantes da sua terra natal? Ele procurou o mapa da Índia. Depois, escolheu ao acaso uma ferrovia e a acompanhou, em busca de algo conhecido. Começou em Calcutá e seguiu em sentido contrário.

Reduziu a área de buscas calculando o tempo provável que ficara no trem e a estimativa da velocidade dos trens indianos.

Era procurar agulha em palheiro. A caçada durou anos. A namorada o via pesquisar noite após noite, e se perguntava se um dia aquilo teria fim.

Em Ganesh Talai, Fatima se recusava a desistir. Nunca ouvira falar de Google, mas visitou videntes por 25 anos. Dessa vez, o místico tinha notícias: “Seu Saroo está voltando para casa. Estará aqui em 40 dias.”

Os olhos de Saroo deslizaram pela imagem de mais uma estação de trem e ficaram imóveis. A passarela de pedestres, a caixa-d’água... exatamente como se lembrava. Ele aproximou mais.

A cachoeira onde costumava nadar. O chafariz. O coração bateu com força.

O mapa listava a cidade como “Khandwa”. Ele pôs o nome no Facebook e encontrou um grupo com o nome “Khandwa, minha cidade natal”. Em 31 de março de 2011, escreveu: “Alguém pode me ajudar? Acho que sou de Khandwa. Faz 24 anos que estou longe. Gostaria de saber se há um grande chafariz perto do cinema.”

As respostas foram vagas. Em 3 de abril de 2011, Saroo tentou de novo:

Saroo em Hobart, na Tasmânia, onde cresceu.



“Alguém pode me dizer o nome da cidade ou subúrbio que fica no lado norte, à direita de Khandwa? Acho que o nome começa com G...” O moderador do grupo respondeu no dia seguinte: “Ganesh Talai”. Casa.

Ele sabia que tinha de voltar. Mas para o que voltaria?

Em 12 de fevereiro de 2012, Saroo Brierley desceu de um vagão de trem na paisagem caótica que assombrara seus sonhos.

Seus pais e amigos na Austrália o avisaram para não alimentar expectativas. Ele se lembrava da pobreza, da fome. Passara anos querendo saber o destino da família e agora tentava se preparar para o pior.

Tudo parecia bem menor que na memória. Mas os cheiros e sons eram os mesmos, a disposição das coisas quase exatamente como se recordava. Começou a seguir caminhos gravados no cérebro de criança.

Chocado, Saroo fitou a casa à frente. Era o lugar que, tanto tempo atrás, chamara de lar. Parecia impossível de tão minúscula. Uma mulher saiu da casa ao lado e perguntou, numa mistura de hindi e inglês, se ele queria ajuda ou informação.

Saroo pegou uma foto de infância que seus pais australianos tinham tirado. Mostrou-a e tentou explicar. Disse o nome dos irmãos e da mãe, aguardando um vislumbre de reconhecimento. Mais vizinhos se reuniram. Alguém, qualquer um, saberia onde estava sua família?

Um homem pegou a foto de Saroo. “Espere aqui”, disse, e saiu correndo. Alguns minutos depois, voltou dizendo: “Venha comigo. Vou levá-lo à sua mãe.” O homem o levou até depois da esquina, onde três mulheres esperavam. Só a do meio lhe parecia remotamente familiar. “Esta é sua mãe”, disse o homem, mostrando-a com um gesto. Atrás do rosto envelhecido havia algo inconfundível. Inesquecível. Mãe. Sua mãe.

Eles se abraçaram com força. Saroo não conseguiu encontrar palavras.

Como ele fez

No alto: a cachoeira; no meio: o chafariz; embaixo: o telhado da antiga casa de Saroo.



A cicatriz do coice ainda estava na sua testa, e ele também tinha a covinha no queixo que marcava todos os filhos de Fatima, mas ela o reconheceria de qualquer maneira. Levou-o pela mão até a nova casa e o abraçou por um tempo que pareceu uma hora.

“Meu Saroo voltou”, disse ela. “Minhas orações finalmente foram atendidas.” Saroo chorava, assoberbado. Ela lhe falou da sua busca e contou que nunca perdera as esperanças. Ele ficou arrasado ao saber da horrível morte do irmão.

Fatima chamou Kallu e Shakila e deu a notícia. Kallu veio correndo. “Agora você ficará feliz”, disse ele. “Seu filho voltou.”

Mas a conclusão da história mostrou-se complicada. As dúvidas de Saroo sobre a família foram sanadas, mas outras surgiram. Mãe e filho separados durante décadas por milhares de quilômetros e culturas diferentes podem voltar a ficar juntos? Eles não conseguiam se comunicar. Fatima não sabia inglês. Saroo se lembrava de poucas palavras em hindi. Tomava água mineral para não adoecer. Até seu nome era estranho. A pronúncia na Índia era “She-ru”, de acordo com o dialeto local. Ele o anglicizara como “Sa-ru”.

Os dez dias em que ficaram juntos passaram depressa demais. A imprensa local tentava entrevistá-lo, os vizinhos queriam conhecer o menino que vol-

tara por milagre. Havia pouco tempo para a família ficar a sós. De repente, estavam na entrada do aeroporto. Ele se despediu e entrou. Logo depois saiu para ver se a mãe ainda estava lá. Estava, e esperou junto dele até que finalmente chegasse a hora da partida. Saroo prometeu que voltaria.

Na Tasmânia, o frenesi dos meios de comunicação se intensificou. Ele passou a desligar o celular à noite para silenciar o toque incansável.

Saroo começou a depositar 100 dólares por mês numa conta bancária para que a mãe pudesse largar o emprego de faxineira e lavadora de pratos. O dinheiro cobre as neces-



sidades básicas de Fatima – comida, roupas e aluguel. Ela manteve o emprego, mas pôde reduzir o horário de trabalho. Ainda assim, o abismo entre mãe e filho continua imenso.

Fatima e Shakila imploram a um visitante que ligue para Saroo. Com um intérprete, Fatima pergunta se ele está comendo direito. Depois se queixa de que o filho não telefona muito. Os dois não falam a mesma língua, e a comunicação é muito difícil, diz Saroo. Por isso ele manda men-

Fatima Munshi mostra uma foto dela com Saroo, juntos de novo após 25 anos.



sagens para o irmão ou para a vizinha da mãe, que falam inglês e podem traduzi-las para ela.

Fatima fica sarcástica: “Cuide da família com que está, não se incomode com esta aqui.” Eles precisam entender que a situação é difícil, diz Saroo. Depois anuncia que pretende voltar sempre que possível. Gostaria de juntar dinheiro para dar a ela uma casa. “Fique calma e feliz porque estou vivo e porque a senhora sabe onde estou”, diz ele, exasperado. Fatima está tão furiosa que o intérprete para de traduzir suas palavras. “Como é que eu ia saber que meu filho não voltaria para casa?”, ela diz com raiva.

Mas Saroo não quer pensar demais no reencontro. Para ele, foi um milagre. “Em vez de me deitar à noite e

pensar *Como estarão todos da minha família? Ainda estarão vivos?*, posso deixar essas perguntas de lado.” Ele espera visitar a Índia uma ou duas vezes por ano, mas não pode se mudar para lá. Tem outras responsabilidades, outra família e uma vida diferente. Agora ele é australiano.

Fatima se sente dividida. Não quer que o filho volte para a Índia, onde não há nada. Mas quer ficar com ele. Ela diz que talvez se mude para a Austrália. Mas, minutos depois, revela que não conseguiria se mudar para um lugar desconhecido onde não poderia conversar com ninguém.

Só quer que Saroo a visite de vez em quando, que telefone. “Para mim”, diz ela, “basta tê-lo encontrado. E ele ter me chamado de ‘Amma.’” Mãe. ■